

Contribuições da análise do enquadramento noticioso para as pesquisas em comunicação

Contributions of the analysis of the news framing for research in communication

Valmir Teixeira ARAÚJO¹

Resumo

O presente trabalho trata-se de um estudo bibliográfico que discute o conceito, o desenvolvimento e a importância da perspectiva teórico-metodológica da análise do enquadramento noticioso para o campo das pesquisas em comunicação. Para tanto, realizou-se uma discussão teórica com foco em três trabalhos publicados, que são recorrentes nas citações dos estudos brasileiros sobre enquadramento: Os enquadramentos da experiência social, de Erving Goffman (1986); Framing: Toward Clarification of a Fractured, de Robert Entman (1993) e Enquadramentos da Mídia e Política de Mauro Porto (2004). A partir da discussão teórica foi possível conceituar o enquadramento noticioso como uma possibilidade de oferecer uma perspectiva de reflexão social no campo da comunicação, a partir de um embasamento metodológico e de sua contribuição para outras teorias da comunicação já existentes, como os estudos do agendamento.

Palavras-chave: Enquadramento. Agendamento. Jornalismo. Mídia

Abstract

The present academic work deals with a bibliographic study that discusses the concept, development and importance of the theoretical-methodological perspective of the analysis of the news framing for the field of research in communication. For that, a theoretical discussion was focused on three published works, which are recurrent in the quotations from the Brazilian studies on framing: Toward Clarification of a Fractured, by Erving Goffman's (1986); Framing: Toward Clarification of a Fractured, by Robert Entman (1993) and Media and Policy Frameworks by Mauro Porto (2004). From the theoretical discussion it was possible to conceptualize the news framing a possibility to offer a perspective of social reflection in the field of communication, based on a methodological basis and its contribution to other existing communication theories, such as scheduling studies.

Keywords: Framing. Scheduling. Journalism and. Media

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (PósCom). E-mail: valmir.ptu@gmail.com

Introdução

Os estudos em comunicação são abrangentes e esbarram em várias outras áreas do saber científico. A comunicação humana propriamente dita é um fenômeno antigo de observação da ciência, desde seus primórdios, mas o recente processo acelerado de troca de informações tem despertado a atenção de muitos pesquisadores interessados em compreender melhor as formas de interações por meio da linguagem.

No Brasil, os estudos em comunicação se fortalecem na segunda metade do século XX, em uma trajetória comum aos demais países latinos americanos, mas com uma peculiaridade: a participação do Estado, enquanto provedor da formação superior e fomentador das pesquisas e desenvolvimento científico da área (MARQUES DE MELO, 1998, p.506).

Já no século XXI, o desenvolvimento dos estudos em comunicação seguiu em ainda ritmo mais acelerado e ao menos no caso brasileiro, dois fatores podem ser levados em consideração: o desenvolvimento tecnológico provocado pela expansão da internet, aliado ao aumento considerável de profissionais formados pelas diversas faculdades de comunicação.

Ao falar especificamente sobre as pesquisas em comunicação é possível apontar que boa parte desses estudos estão voltados para a observação dos conteúdos produzidos pelos veículos de comunicação e suas respectivas interferências sociais. Em conformidade com a perspectiva de Chaparro (2008), apesar do discurso de defesa da objetividade, a mídia utiliza-se de esquemas discursivos subjetivos para a publicação de seus conteúdos. Neste sentido, evidencia-se a importância de se discutir as diversas perspectivas teórica-metodológicas que contribuam com a cientificidade das pesquisas a partir dos conteúdos midiáticos.

Levando em consideração a busca pela cientificidade nos estudos em comunicação propõem-se a discussão sobre o papel da análise do enquadramento e/ou também conhecida como *framing* (termo em inglês). Para tanto, foi elaborado um artigo de revisão, através de um estudo bibliográfico focado em três trabalhos recorrentes nas citações de pesquisadores brasileiros, que utilizam a análise do enquadramento: Os enquadramentos da experiência social, de Erving Goffman (1974, publicado em

português em 2012), Framing: Toward Clarification of a Fractured, de Robert Entman (1993) e Enquadramentos da Mídia e Política de Mauro Porto (2004).

Para melhor compreensão sobre a relevância dos trabalhos selecionados para a discussão, importa descrever um pouco sobre cada estudioso em questão. Erving Goffman é considerado por muitos pesquisadores como um pioneiro dos estudos em enquadramento, por desenvolver uma discussão teórica que possibilitou o desenvolvimento da perspectiva teórica-metodológica em questão. Em seu livro publicado em 1986, o autor fala sobre o princípio de organização que orienta os eventos sociais e de como as pessoas organizam as experiências, por meios de esquemas e estruturados por *framing* (quadros em português). Goffman não desenvolve seu estudo voltado especificamente para uma pesquisa em comunicação, mas sua compreensão passou a ser utilizadas por estudiosos da área.

Um exemplo de pesquisador da área de comunicação que faz uso do arcabouço teórico de Goffman é Robert Entman, que em seu trabalho publicado em 1993, discorre especificamente sobre o estudo do *framing* para uma análise da comunicação. Entman discute sobre as técnicas de seleção, ênfase e exclusão, que por sua vez permitem aos veículos de comunicação selecionarem alguns dos aspectos da realidade e trabalhar a intencionalidade em seus respectivos noticiários.

Por fim, como o intuito do presente estudo é discorrer sobre uma perspectiva teórica-metodológica que vem sendo utilizada por pesquisadores no Brasil, buscou-se um estudioso brasileiro que também contribuiu para a conceituação da teoria do enquadramento - Mauro Porto, que em seu trabalho publicado em 2004 reuniu sistemáticas sobre a análise em questão. Para Porto, os enquadramentos são “marcos interpretativos”, construídos socialmente e utilizados pela mídia para buscar essa aproximação dos acontecimentos e o conhecimento social.

Este artigo está dividido em tópicos, sendo que no primeiro é discutido o conceito do termo enquadramento, seu significado na língua portuguesa e de sua correlata (*framing*) na língua inglesa, além de uma definição na perspectiva de Goffman. No segundo tópico é discutido o sentido do enquadramento noticioso, isto é, a aplicação deste conceito na publicação da mídia, a partir da discussão proposta do Entman como conclusão de suas pesquisas sobre conteúdos midiáticos nos Estados Unidos. Depois são apresentadas as contribuições de Porto sobre enquadramento

mediático, através da perspectiva das pesquisas brasileiras, em conjunto com uma discussão relacionada ao agendamento midiático.

Conceito de enquadramento

O termo enquadramento é utilizado na língua portuguesa para dar sentidos distintos. A palavra é usada na área das finanças, como processo aplicado aos fundos de investimento; aparece no cinema para se referir ao processo angulação da imagem do visor da câmera e nos estudos da comunicação como análise sobre as posições da mensagem noticiosa.

Em conformidade com Ferreira (2010), enquadramento é o “ato ou efeito de enquadrar”, que por sua vez significa por em quadro, emoldurar, encaixilhar, fazer entrar nos quadros do exército, prover de quadros as unidades, tornar quadro, pôr na prisão e impor disciplina. Na língua inglesa, o termo *framing* está relacionado com “*the action of framing something* - a ação de enquadrar algo”, “*picture or photograph* – foto e fotografia” e “*framework of a building* - estrutura de um edifício”, (OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1999).

Importa destacar que os estudos sobre *framing* tiveram o protagonismo do sociólogo americano Erving Goffman, que sistematizou as teorias acerca desse tema em um trabalho que resultou na obra “*Frame analysis: an essay on the organization of experience*”, de 1974, que só ganhou uma versão traduzida em português, em 2012, com o título “Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise”. As observações deste livro destacam o papel da experiência individual no enquadramento da realidade vivenciada.

Para discorrer sobre enquadramento, Goffman destaca a subjetividade e o papel dos significados empregados para a compreensão do mundo, destacando o papel da perspectiva sobre o significado da mensagem ou acontecimento. Para o autor, o *frame* (quadro) é um esquema interpretativo que influirá necessariamente na concepção do indivíduo.

Quando um indivíduo está inserido numa corrente de atividade enquadrada, ele mantém algum controle sobre o seu envolvimento imediato e espontâneo. Isto irá variar em grau, indo do tédio numa das

extremidades (incluindo aquele tipo que constitui uma resposta defensiva a uma preocupação premente) à quase total absorção na outra. Junto com a reserva afetiva (seja qual for o grau em que se encontre), haverá provavelmente também certa dose de reserva cognitiva, uma sobra de dúvida em relação ao esquema e às transformações, uma leve disposição a aceitar a possível necessidade de reenquadrar o que está ocorrendo; e esta reserva, como a do tipo emocional, varia. (GOFFMAN, 2012, p. 463)

Ainda segundo o autor, quando o indivíduo necessita atribuir significado a algo carente de significação o mesmo estaria em um esquema primário, ou seja, uma atividade enquadrada em que é possível observar um sentido sem buscar em outro enquadramento já consolidado. De acordo com Goffman (2012, p. 45), “Os esquemas primários variam no grau de organização”, isto é, alguns são claramente apresentados como um sistema e outros não possuem uma forma aparentemente articulada.

Para o autor os indivíduos tendem a perceber os acontecimentos em termos de esquemas primários e por essa razão o tipo de esquema que utilizam são fundamentais para proporcionar uma maneira de descrição dos acontecimentos nos quais os mesmos são aplicados. Goffman (2012, p. 49) usa como exemplo o nascer do sol, que é um acontecimento natural, mas a persiana para impedir a entrada da luz em uma casa já se caracteriza por uma ação guiada.

Para o estudioso em questão quando o indivíduo da sociedade ocidental reconhece certo acontecimento é sua tendência normativa desenvolver uma relação de envolvimento com a resposta e por consequência com a impressão, por meio dos esquemas desenvolvidos justamente com esta finalidade.

Ao falar especificamente sobre o indivíduo, Goffman (2012, p. 424) afirma que este pode ser considerado como “alguém dotado de percepções, com uma possibilidade de elas serem exatas em termos de quadro e outra possibilidade de serem errôneas, enganosas, ou ilusórias”. Para ele, o indivíduo possui o agir verbal e físico, com base em suas percepções e nesse sentido, o quadro auxilia na organização dos seus sentidos.

Em seu livro, Goffman também destaca que os indivíduos, a partir do quadro por eles definidos, exercem papéis de acordo com a atividade enquadrada. Nesse sentido, ele conceitua o enquadramento como instrumento teórico importante para as pesquisas científicas, que em um segundo momento ganha força nos estudos focados nas análises dos conteúdos midiáticos.

Em suma, Goffman discute a estrutura na análise a partir dos quadros, método que leva em consideração a definição construída pelas pessoas através das diversas alternativas de atividades rotineiras da vida em sociedade, a partir de implicações sociológicas do sistema de experiência subjetivas colocadas em questão. Logo, a experiência do indivíduo é levado em consideração na discussão sobre sua capacidade de enquadramento dos acontecimentos que o rodeiam.

Em conformidade com Hangai (2012), esta perspectiva metodológica de enquadramento, desenvolvida por Goffman possibilitou o desencadear de uma série de mudanças no pensamento sociológico, na segunda metade do século XX, influenciando não apenas o campo de estudos da comunicação, mas também na arte, política, mobilização social e outras áreas do campo das ciências sociais.

Enquadramento noticioso

Os estudos sobre o enquadramento na mídia tem o protagonismo de Robert Entman, que em 2004 publicou o trabalho “Framing: Toward Clarification of a Fractured” – “Enquadramento: Para esclarecimento de um paradigma” (tradução nossa). Este estudo é considerado por muitos autores como o pioneiro na revisão teórica sobre o enquadramento noticioso, com a definição de conceito e aspectos preponderantes.

Entman desenvolve uma definição clássica sobre framing, voltada para os estudos midiáticos:

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação casual, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito. (ENTMAN, 1993, p. 52, grifos no original, tradução nossa)

Para Entman, no texto midiático é por meio do *framing* que é possível pensar previamente nos temas que já estavam pré-estabelecido em uma agenda, sendo o conteúdo produzido a partir de um corpus já existente. Neste sentido, por meio das análises dessa perspectiva teórica-metodológica se torna possível detectar influências do ponto de vista dos aspectos de tratamento do conteúdo midiático.

Com intuito de evidenciar a existência do enquadramento noticioso, Entman destaca a importância da seleção e saliência no conteúdo midiático. Nesse sentido, o autor aponta o papel dos veículos de comunicação no processo do enquadramento da notícia, ao selecionarem alguns aspectos da realidade em detrimento de outros.

O enquadramento envolve essencialmente a seleção e a saliência. Enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade apercebida e torná-los mais salientes em um texto de comunicação, de modo a promover a definição de problemas específicos, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para o item descrito [...] Um exemplo é o quadro de "guerra fria" que dominou o noticiário dos EUA e estrangeiro até recentemente. A guerra fria destacou certos eventos estrangeiros - digamos guerras civis - como problemas, identificou sua fonte (rebeldes comunistas), ofereceu julgamentos morais (agressão ateísta) e elogiou soluções particulares (apoio dos EUA ao outro lado). (ENTMAN, 1994, p. 2) – (tradução do autor)

Antes mesmo de discutir a atuação da mídia, Entman (1994, p.1) também discorre sobre o conceito de enquadramento, que segundo ele se trata de uma espécie de “onipresença” em todas as ciências sociais e humanas, uma vez a teoria aponta a existência dos quadros em textos e também na influência dos pensamentos: “A análise de quadros ilumina o modo exato em que a influência sobre a consciência humana é exercida pela transferência (ou comunicação) de informações de um local - como um discurso, um enunciado, um noticiário ou um romance - a essa consciência”.

Em conformidade com o referido estudo, os profissionais da mídia, isto é, os comunicadores são responsáveis por “julgamentos” de enquadramentos presentes nas publicações. Para Entman, esses profissionais fazem esses julgamentos de forma consciente ou inconsciente, sendo guiados por esquemas previamente estruturados, que podem ser definidos como quadros, por presença ou ausência de determinadas palavras-chave ou frases-base.

Entman argumenta que o funcionamento do enquadramento noticioso segue a lógica do destaque de alguns fragmentos da informação, em contraposição dos outros. Dessa forma, ganha importância o conceito da ênfase na realidade dos enquadramentos noticiosos.

Os quadros chamam a atenção para alguns aspectos da realidade enquanto obscurecem outros elementos, o que pode levar o público a

ter diferentes reações. Os políticos que buscam apoio são assim compelidos a competir uns com os outros e com os jornalistas por meio de quadros de notícias. (ENTMAN, 1994, p. 4) – (tradução do autor)

Para discorrer melhor sobre a teoria do enquadramento noticioso, Entman (1994) destaca estudo de outros autores desenvolvidos no mesmo período da elaboração de seu trabalho, para exemplificar sobre a estrutura dos quadros. Um desses trabalhos é o de Zaller (1992 apud Entman, 1994, p.4), que traz em suas conclusões que “o enquadramento parece ser um poder central no processo democrático, pois as elites políticas controlam o enquadramento das questões. Esses quadros podem determinar exatamente o que é opinião pública”.

Entman (1994, p.2) também argumenta que o enquadramento possui influência em como as pessoas se recordam das notícias, isto é, como entenderam os acontecimentos, que acontece em razão de um processo de valorização de opções de divulgação. Entretanto, o autor destaca que o enquadramento possui um efeito comum em uma larga faixa de receptores, mas não em sua totalidade. Ele defende que o efeito do enquadramento não é universal.

Em uma compreensão semelhante, Gamson e Modigliani (1989) analisam o enquadramento noticioso a partir dos estudos de recepção e apontam que as pessoas absorvem as informações e as guardam por meios desses recordes apresentados pela mídia. Para tanto, eles compreendem o enquadramento noticioso como “pacotes”, que podem existir de cinco diferentes maneiras: metáforas, exemplos históricos, citações curtas, descrições e imagens.

Por outro lado, Gamson e Modigliani (1989) se distanciam da visão de Entman (1994) ao não considerarem tanto o conteúdo noticioso e sim a forma, a apresentação e outros aspectos que rodeiam as notícias. Ainda assim, suas as conclusões também convergem para a existência de uma influencia midiática, por meio do enquadramento noticioso.

Por fim, numa reflexão sobre qual seria o intuito do enquadramento noticioso se faz importante recordar que a estrutura da maioria dos jornais nos Estados Unidos (onde as pesquisas apresentadas até aqui foram realizadas), assim como no Brasil é comercial. Nesse sentido, é possível pensar no posicionamento político/ideológico dos jornais e dos jornalistas, tendo em vista a existência dos enquadramentos noticiosos.

Para Entman (1994), todo o processo do enquadramento noticioso é voltado para a aprimoração “dos valores diferenciados e estabelecidos a proeminência de um outro”. Contudo, o autor considera que a existência de enquadramentos noticiosos se faz realidade até mesmo numa condição não intencionada.

Estudos brasileiros e agendamento

A análise do enquadramento foi estruturada por pesquisadores dos Estados Unidos e logo passou a ser visualizada como uma alternativa teórico-metodológica para os estudos da comunicação de pesquisadores de diversos países, dentre eles os brasileiros. Vários estudos sobre a mídia foram desenvolvidos no Brasil com o apoio da teoria do enquadramento noticioso, sobretudo pesquisas na área da política.

Torna-se importante destacar que algumas questões históricas contribuíram com fortalecimento recente de pesquisas em comunicação com foco no jornalismo político no Brasil. A redemocratização brasileira na década de 1980 e o volta das eleições diretas para todos os cargos colocou em evidência o noticiário midiático, sobretudo o político, que passou a ter ainda mais importância, em razão de sua capacidade de influencia nos resultados eleitorais e com isso também aumentou a quantidade de pesquisas para apontar interferências e/ou favorecimento da mídia em corridas eleitorais (ARAÚJO, 2016).

Logo, a teoria do enquadramento ganha uma grande dimensão nos estudos brasileiros em comunicação, com destaque para Porto (2004), que elabora síntese sobre a estrutura desta perspectiva teórica-metodológica no Brasil. Este autor, apresenta alguns estudos realizados a partir do enquadramento, relacionando com a análise do conteúdo político, recepção e audiência no Brasil.

Porto (2004) também propõe uma discussão na qual aborda as diferenciações dos estudos brasileiros em comunicação que utilizam a análise do enquadramento noticioso e propõe um esquema de estruturação para dessa perspectiva teórica-metodológica em pesquisas empíricas a partir de conteúdos midiáticos.

Ao discorrer sobre a teoria do enquadramento, Porto (2004, p. 74) afirma que o estudo “encontrar-se ainda em estado embrionário, [mas] suas aplicações têm dinamizado o campo da comunicação política, oferecendo uma nova perspectiva para

entender o papel da mídia”. O autor cita o exemplo dos estudos de mídia sobre eleições, em que muitas pesquisas analisam o tempo ou espaço de cada candidato na cobertura para realizar a análise, o que em sua visão é insuficiente e que o aporte da teoria do enquadramento pode deixar essas análises mais consistentes.

Acadêmicos brasileiros têm encontrado, no conceito de enquadramento, um instrumento de análise importante para estudar a relação entre a mídia e os movimentos sociais. Em particular, pesquisadores destacaram os enquadramentos utilizados na cobertura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, pelos principais telejornais. Uma pesquisa realizada em 1997 sobre os dois principais telejornais do País, o Jornal Nacional e o TJ Brasil, identificou algumas diferenças no enfoque adotado por cada emissora. O TJ Brasil teria ressaltado os elementos de violência, perigo e conflito, adotando assim um “enquadramento dramático”. Por outro lado, o Jornal Nacional ressaltou não só estes elementos como também incluíram uma crítica moral do movimento, reclamando sobre sua irracionalidade e sua irresponsabilidade, adotando assim um “enquadramento moral” (PORTO, 2004, p. 87).

Porto também destaca que a expansão da utilização do conceito do enquadramento, por estudiosos brasileiros aumenta de forma significativa desde a eleição presidencial de 1998 – em que Fernando Henrique Cardoso saiu vencedor e as pesquisas de vários estudiosos apontaram que ele teve um favorecimento na cobertura midiática. Porto cita como exemplo, o resultado da pesquisa de Miguel (1999), que concluiu que “A campanha pela reeleição do presidente enquadrou a crise econômica como resultado das dificuldades no plano internacional [...] apresentando o candidato como o único com a experiência necessária para ultrapassar as dificuldades criadas por forças que estavam além do seu controle”.

O autor em questão destaca ainda que a teoria do enquadramento tem sido utilizada em pesquisas comparativas entre o jornalismo brasileiro e de outros países, que dentre os apontamentos está o de que alguns veículos de comunicação do Brasil adotaram padrões de enquadramentos semelhantes àqueles do jornalismo estadunidense.

Ainda segundo o autor, o conceito de enquadramento tem recebido uma atenção crescente nas análises de conteúdo desenvolvidas por pesquisadores brasileiros. No entanto, Porto (2004) ressalta algumas “limitações” que precisam ser consideradas na pesquisa de enquadramento. Ele cita o trabalho desenvolvido por Gamson e Modigliani (1989), que produziu uma importante pesquisa apoiada no enquadramento, mas que

considerou “irrelevante” saber se o público entrevistado pela pesquisa consumiu ou não o material midiático.

Porto (2004) abre um espaço para discutir sobre a efetividade da ação do enquadramento no público, uma vez que a maior parte das pesquisas aponta a utilização do enquadramento midiático, mas nem sempre discute o impacto dessa ação da compreensão do leitor. Por esta razão, o autor destaca a necessidade da construção de mais trabalhos empíricos sobre preferências políticas do público, por meio de pesquisas com os leitores. Um exemplo é Alde (2004, apud Porto, 2004, p.89), que investigou enquadramentos de televisão, por meio de entrevista com um grupo de receptores e identificou alguns quadros de referências.

Apesar de levantar o questionamento sobre as limitações da teoria do enquadramento, Porto (2004) apresenta um entusiasta em relação a utilização deste aporte metodológico. Para tanto, ele desenvolve um esquema de passo-a-passo para sua utilização em uma pesquisa, propondo um verdadeiro processo metodológico que pode contribuir muito com a elaboração de uma proposta de pesquisa.

Ainda em conformidade com Porto (2004) a utilização da noção do enquadramento teve um papel importante nos estudos do agendamento, no sentido de buscar aperfeiçoamento de algumas deficiências desta proposta teórica. Isso porque o conceito de enquadramento possibilitou a ampliação desta investigação, uma vez que analisa a seleção e a saliência do conteúdo estudado.

Neste sentido, é possível considerar que além de se apresentar como uma proposta teórica para os estudos da comunicação, o enquadramento também contribuiu de forma efetiva no processo de consolidação de outras teorias existentes, como a do agendamento da mídia ou agenda setting. Em conformidade com Porto (2014), o enquadramento possibilitou a dinamização das perspectivas e função da teoria do agendamento.

A teoria do agendamento aponta como hipótese inicial que a mídia pode determinar a agenda da opinião pública em uma eleição e com isso influenciar em toda a corrida eleitoral. O enfoque deste modelo de pesquisa é de que a teoria possibilitou uma investigação de como a mídia contribui para a formação do público. No entanto, essa versão inicial do agendamento desconsiderou as variações das formas de apresentação da informação e de que forma isso afetaria o processo de formação da

opinião pública, que por sua vez apenas foi aperfeiçoado com a inclusão da noção do enquadramento. “O fundamental não é apenas definir quais são os temas que a mídia enfatiza, mas sim como estes temas são apresentados” (PORTO, 2003, p.5).

Ainda segundo Porto (2003), os estudos de agendamento passaram por uma mudança nos estudos, denominado “segundo nível de efeitos”, analisando não apenas como a mídia afeta o público, mas também sobre como os receptores pensam sobre a agenda.

Também desenvolvida inicialmente por pesquisadores estadunidenses, os estudos sobre o agendamento da mídia começaram a ser realizados na década de 1970 nos Estados Unidos. Em conformidade com Azevedo (2004), desde os primeiros estudos, o agendamento possibilitou evidências de forte correlação entre a agenda de parte considerável da sociedade e os assuntos do noticiário.

O experimento pioneiro do modelo da agenda-setting foi desenvolvido por McCombs e Shaw durante as eleições presidenciais americanas de 1968, em Chapell Hill, North Carolina. Partindo do pressuposto de que os efeitos da imprensa poderiam ser aferidos de modo mais preciso e seguro entre os eleitores indecisos, os autores aplicaram um survey a uma amostra desses eleitores para investigar se a agenda dos informantes tinha correspondência com a agenda da imprensa local e nacional e outros meios de difusão que os eleitores usavam habitualmente. Os resultados da pesquisa indicaram um alto grau de correlação entre a agenda da mídia e a agenda da audiência (público), tanto no que se refere às dimensões sociais quanto a política. (AZEVEDO, 2004, pág. 57)

A teoria do agendamento propriamente dita possibilita uma contribuição importante para os estudos da comunicação. Para melhor compreender, Azevedo destaca as noções básicas desta teoria:

a) a mídia, ao selecionar determinados assuntos e ignorar outros define quais são os temas, acontecimentos e atores (objetos) relevantes para a notícia; b) ao enfatizar determinados temas, acontecimentos e atores sobre outros, estabelece uma escala de proeminências entre esses objetos; c) ao adotar enquadramentos positivos e negativos sobre temas, acontecimentos e atores, constrói atributos (positivos ou negativos) sobre esses objetos; d) há uma relação direta e causal entre as proeminências dos tópicos da mídia e a percepção pública de quais são os temas (issues) importantes num determinado período de tempo. O terceiro ponto só foi incorporado mais recentemente, após a assimilação da crítica de que o modelo da agenda-setting era limitado

por não levar em conta o enquadramento dos temas abordados pela mídia. (AZEVEDO, 2003, p. 52)

Importa destacar também que tanto o agendamento, quanto o enquadramento noticioso coexistem com outras particularidades do jornalismo. Traquina (2013) defende a ideia do valor notícia, visto como uma soma de particularidades que interferem na produção do conteúdo jornalismo.

“Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção da notícia e funcionam como linhas-guias para a apresentação do material”, Traquina, (2013, p.75). Ainda segundo Traquina, questões como disponibilidade e concorrência são considerações na definição de uma cobertura.

Nesse sentido, torna-se possível pensar na análise do enquadramento, assim como no conceito de agendamento, como perspectivas teórica-metodológica importantes na busca pela compreensão da relação jornalismo com a sociedade. Por outro lado, se faz importante pensar na ciência como um conhecimento questionável suscetível a mudanças de perspectivas.

Considerações finais

Importa fazer algumas considerações a respeito da análise do enquadramento e sua importância nos estudos da comunicação, sendo a principal delas o fato de ser uma proposta metodologia recente e em fase de desenvolvimento, como bem destaca Porto (2004). A análise do enquadramento pode ser conceituada como uma abordagem que propicia o estudo construído da mensagem noticiosa, evidenciando questões implícitas dos textos e questionamentos relacionados às determinadas publicações midiáticas.

Apesar de ter uma recente utilização no campo das pesquisas em comunicação, o enquadramento tem oferecido um campo teórico-metodológico importante no processo científico dos estudos da comunicação, sobretudo quando se averigua o campo da comunicação política, a partir do momento que oferece uma perspectiva mais ampla, para se compreender o papel dos meios de comunicação, através de interferências de seus conteúdos.

A teoria do enquadramento possui algumas particularidades e similaridades e/ou correlação com outros estudos, como a análise de conteúdo e o agendamento. Assim, é

possível observar que os estudos do enquadramento possibilitam a construção de pesquisas distintas, como qualitativas, quantitativas ou ainda pesquisas híbridas, também denominadas como quali-quantitativas.

A partir de contribuições de três autores – Erving Goffman, Robert Entman e Mauro Porto – foi possível, no presente estudo, discutir o surgimento, desenvolvimento e aplicação da análise do enquadramento noticioso. A contribuição de Goffman foi no sentido do conceito e dimensão da ideia dos quadros, enquanto um princípio de organização.

Goffman destaca o papel da experiência individual no enquadramento da realidade vivenciada. O autor discorre sobre a compreensão do *frame* (quadro), como um esquema interpretativo que influirá necessariamente na concepção do indivíduo. Para ele, os indivíduos tendem a perceber os acontecimentos em termos de esquemas primários e por razão o tipo de esquema que utiliza são fundamentais para proporcionar uma maneira de descrição dos acontecimentos.

Já Entman, tratando especificamente sobre o enquadramento noticioso, fala sobre as técnicas da seleção, a ênfase e a exclusão, que permitem aos veículos de comunicação selecionar alguns aspectos da realidade e trabalhar a intencionalidade em seus noticiários. Para ele, existe um forte destaque no papel da mídia no processo do enquadramento da notícia, ao selecionarem alguns aspectos da realidade em detrimento de outros.

Por fim, Porto que apresenta os estudos brasileiros sobre enquadramento, discorre sobre a teoria e ainda propõe uma estruturação para a aplicação da metodologia nos estudos. Para ele, os enquadramentos são “marcos interpretativos”, construídos socialmente e utilizados pela mídia para buscar essa aproximação dos acontecimentos e o conhecimento social.

Porto ainda destaca algumas “limitações” do enquadramento, abrindo espaço para de discutir a efetividade das considerações dos estudos junto ao público. Ele também destaca a contribuição do enquadramento no conceito do agendamento midiático, possibilitando a este estudo observar além dos temas apresentados pela mídia a forma pela qual os mesmos são noticiados.

Em suma, é possível observar que apesar de terem sido desenvolvidos em fases diferente os estudos dos três pesquisadores em questão foram fundamentais para a

compreensão atual sobre a teoria do enquadramento e sua utilização por parte dos pesquisadores brasileiros.

Referências

ARAÚJO, V.T. **Governo Dilma na mídia impressa: estudo sobre agentes de texto das manchetes.** In: 34º Intercom, 2016, São Paulo (SP), Anais. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2154-1.pdf>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2017.

AZEVEDO, F. A. Agendamento Político. In: RUBENS, A. A. C. **Comunicação e política: conceitos e abordagens.** Edufba, Salvador. 2004.

CHAPARRO, M. C. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria dos gêneros jornalísticos.** São Paulo: Summus, 2008.

ENTMAN, Robert. **Framing: toward clarification of a fractured paradigm.** Journal of Communication, New York, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da língua portuguesa.** 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GAMSON, W; MODIGLIANI, A. **The changing culture of affirmative action.** Research in political sociology, v. 3, p. 137-177, 1987.

GOFFMAN Erving. **Os enquadramentos da experiência social.** Editora Vozes. Petrópolis. 2012.

HANGAI, L. A. **Framing analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em comunicação.** REVISTA AÇÃOMIDIÁTICA, Vol2. Nº 1. Ano 2012

MIGUEL, L. F. **Os meios de comunicação e a prática política.** Lua Nova, n. 55-56, 2002

MIGUEL, Luís Felipe. **Mídia e manipulação política no Brasil: a Rede Globo e as eleições presidenciais de 1989 a 1998.** Comunicação & Política, Rio de Janeiro, v. VI, n.2-3, p. 119-138, 1999.

MOTTA. L. G. **Imprensa e Poder.** Imprensa Oficial – São Paulo. 2002

MARQUES DE MELO, J. Pedagogia da comunicação na América Latina. MARQUES DE MELO, J (Org). **Pensamento comunicacional brasileiro: o grupo de São Bernardo.** Umesp, São Bernardo do Campo, 1998.

OXFORD U. P. **English for students.** Nova York: New York University Press, 1994.

PORTO, M. Enquadramentos da mídia e política. In: Antonio Albino Rubim. (Org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens.** Salvador: EdUFBA, 2004, v. , p. 73-104. – Mesmo artigo do Intercom.

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da mídia e política**. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Salvador, 2003.

SODRÉ, N. **História da imprensa no Brasil**. Editora Contexto, São Paulo. 1998

TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: Questões, teorias e estórias**. Lisboa, Vega, 1997

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**, Vol.1. Florianópolis: Editora Insular, 2004.

WOLTON, D. **Pensar a comunicação**. Brasília: Ed.UNB. 2004.

ZALLER John. **The nature and origins of massopinion**. Cambridge universitypress. 1992